



maçã
do amor



Livre	5
A Carta e o Limbo	18
Ars Amoris	23
Até que a Morte	34
Bellariel - A Cantiga do Anjo	36
Entrada para Faërie	48

Carta do editor

A magia está em todo lugar. Se olharmos com calma para nossa rotina, é possível encontrarmos inúmeras formas diferentes de manifestação. O amor é uma delas. Quem poderia negar que o sorriso tranquilo que nasce no rosto quando vemos aqueles que amamos alcançando seus sonhos é uma forma de magia? Ou o silêncio de um olhar de um casal apaixonado?

Amores Trevosos é uma exaltação a sua forma sobrenatural. Através de elementos fantásticos, encontramos algo em comum: entre anjos e demônios, entre feéricos e cultistas, todos podemos encontrar uma forma de exercitar a mágica que é amar. Seja bem vindo ao nosso mundo mágico.

Luísa Scheid



Livre



Isabelle Morais é brasileira, economista, parte do esquema de pirâmide que é a Academia e escritora de ficção especulativa. Em 2021 publicou *Tratado Sobre Tempestades e Outros Fenômenos Extraordinários* de forma seriada na *No-veletter* e tem mais projetinhos cheios de magia, romance e *SENTIMENTOS* vindo por aí. Como Bárbara Morais, é autora da trilogia *Anômalos*, voltada para adolescentes. Pode ser encontrada indicando livros a torto e a direito em suas redes sociais e em sua newsletter!



A primeira vez que se viram foi num pesadelo.

Madalena estava acostumada com sonhos difíceis — cheios de sombras e medos e segredos, pesadelos mais seguros do que a realidade em que vivia. No começo, acordava assustada, com o coração palpitante, como se uma criatura estivesse na sua cola, respirando em seu pescoço, prestes a devorá-la. Mas àquela altura, seu único desejo era ser devorada, ser levada por seus pesadelos e desaparecer para sempre.

Existiam monstros piores que os de seus sonhos e, sempre que acordava, se deparava com o que dormia ao seu lado todas as noites, o homem para quem fora dada sem hesitação como garantia de uma aliança precária que estava com os dias contados.

Os pesadelos eram seus únicos amigos e últimos aliados, um santuário de paz de seu dia. Eles a conheciam melhor do que ninguém e, ao longo dos anos, haviam parado de reprisar os piores momentos de sua vida e só a acolhiam numa escuridão inquieta, incômoda, mas bem-vinda.

Contudo, aquele pesadelo foi diferente.

Estava numa sala que não era muito diferente das salas privadas do clube de *cavalheiros* do marido, com os sofás de veludo escuro, o carpete preto, as luzes baixas e bruxuleantes. Madalena estava sentada em um deles, com um vestido decotado que tinha uma fenda que deixava à mostra uma grande quantidade de pele. Nunca vestiria algo assim — seu marido nunca deixaria que usasse algo tão indecente, completamente inadequado à esposa do líder da Casa da Ira. Por alguns instantes, imaginou que era esse tipo de mulher, que usava o próprio corpo como arma, que não precisava pedir desculpas por existir, o tipo que seu marido mais temia.

A fantasia se dissipou rapidamente quando ela vislumbrou um dos hematomas que ainda restavam da última *conversa* que tivera com ele, o roxo subindo pela pele branca da coxa.

Tentou se cobrir, sentindo o rosto esquentar e os olhos se encherem de lágrimas. Era uma nova forma de humilhação, jogarem em sua cara tudo

que ela nunca poderia ser. Não era obra de seus pesadelos — eles nunca a constrangeriam assim.

Vasculhou a sala e confirmou sua suspeita: não estava sozinha. Havia uma pessoa num dos cantos, encostada contra a parede, observando-a em silêncio. À meia luz, conseguia vislumbrar pouco além do cabelo longo e da postura preguiçosa. Quem estava ali? O que queria com ela? Onde ela estava? Quando o marido dela soubesse que Madalena se encontrara com alguém — qualquer pessoa, de qualquer forma — não seria algo bonito.

Sentiu medo novamente naquele dia.

Madalena ficou em silêncio, imóvel, na esperança de que isso a tirasse dali e a deixasse segura.

— Não tenhas medo, Maria, porque encontrei graça diante de Deus — debochou a figura antes de se aproximar.

Era uma mulher — ou alguém que se parecia com uma. Seu cabelo castanho cacheado estava preso num rabo de cavalo baixo e vestia um terno escuro, sua pele marrom acobreada reluzia de forma sobrenatural à meia luz. Madalena observou atentamente enquanto ela se acomodava no sofá à sua frente, cruzando as pernas de forma elegante e arrumando o terno bem-cortado; observou enquanto sua acompanhante passava uma mão cheia de anéis pelos cabelos, enquanto lambia os lábios em formato de coração, se preparando para falar.

— Quem é você? — Madalena perguntou, a curiosidade vencendo o medo.

O sorriso que recebeu como resposta a fez perder o fôlego e ela desviou o olhar, envergonhada.

— Uma amiga. Um inimigo — a pessoa respondeu, inclinando-se em sua direção. — Um aliado. Você escolhe.

Madalena ponderou as palavras por alguns instantes.

— Aliado? — falou, também se inclinando na direção de sua companhia, incapaz de desviar o olhar. — Em quê?

— Me diga você. Por que mandou um dos seus pesadelos me chamar?

— Eu não mandei ninguém te chamar — retrucou Madalena. — Muito menos meus *pesadelos*.

— Tudo bem, não a mim especificamente. — Sua aliada deu de ombros. — Mas eles me encontraram, e não ignoro pedidos de ajuda.

— Eu não pedi ajuda de ninguém!

Aquilo sequer era possível. Madalena podia até ser descendente de um dos arquidemônios da cidade — era filha do líder da Casa da Avareza,

afinal — mas não podia herdar as habilidades da família porque era *mulher*. Ela não podia manipular mentes ou emoções, ou seja lá qual fosse o poder dos arquidemônios, nunca lhe explicaram direito. Não poderia ter chamado ninguém em sonho.

— Então, não quer fugir de onde está?

Madalena suspirou pesadamente, massageando as têmporas.

— Não existe forma de fugir.

Fez-se silêncio por um instante e Madalena se encolheu um pouco no sofá quando sua companhia a encarou, antes de fazer a proposta mais absurda que ela já ouvira:

— E se eu te disser que tem? E se eu te disser que sei exatamente o que você precisa fazer para conseguir fugir da Casa da Ira, do seu marido, da sua vida?

Madalena a olhou de volta, sentindo um calafrio ao perceber a certeza e a seriedade com que aquilo fora dito.

— Ele iria me arrastar de volta até o inferno se eu fugisse — ela sussurrou, encolhendo as pernas contra si, abraçando-as.

— Não se você vier para o meu território.

Isso a fez parar e observar a intrusa com maior atenção.

— *Quem* exatamente é você? — Madalena perguntou com cautela.

A visitante inesperada lhe entregou um cartão que tirou do bolso, com uma expressão tensa. Madalena leu o nome escrito no papel, descrente, olhou novamente para quem estava sentada à sua frente e voltou os olhos para o cartão.

— Prazer em conhecê-la, Madalena. Eu suponho que tenha ouvido falar de mim.

— Não pode ser. — Ela leu o cartão de novo. — *Asmodeus*? Você não pode pisar no nosso território.

— Seus sonhos não são território de ninguém, Madalena — *Asmodeus* comentou com um meio sorriso. — Não estou quebrando regra alguma.

— Eu achei... Eu não sabia... — Ela pareceu cair em si, sentindo o medo gelar a espinha e se levantou abruptamente. — Vá embora! Saia daqui! Se ele descobrir que me encontrei com você, vai ser horrível para nós dois.

Asmodeus suspirou, cansada, antes de levantar e caminhar até a porta. Prestes a sair, se virou e o coração de Madalena se acelerou em reação ao olhar que recebeu.

— A escolha é sua. Se mudar de ideia, só mande um dos seus amiguinhos me chamar. Criaturas bem peculiares, os seus pesadelos.

Madalena acordou de supetão, sorvendo o ar, a palma das mãos suadas, os lençóis revirados a seu redor. Olhou para o lado, assustada, mas a cama estava vazia. Era quarta-feira, o único dia da semana em que seu marido passava o dia inteiro nos clubes, fazendo trabalho “administrativo”. Eram os únicos dias que ela tinha paz, já que não precisava fazer seu trabalho de esposa. Era um dia bem conveniente para receber a visita do inimigo mortal de seu marido.

Ninguém nunca falava muito sobre as políticas entre as Casas na frente de Madalena, mas ao longo dos anos havia juntado informações o suficiente para saber que Asmodeus, arquidemônio da Casa da Luxúria, era um dos maiores rivais ao poderio dele. Ela estava certa em sua intuição de mandá-lo embora — e entendeu como Asmodeus a encontrara em seu sonho. Não era algo difícil para um arquidemônio, ela supunha. Devia esquecê-lo, fingir que havia imaginado o sonho e ignorar a proposta que ele havia lhe feito.

Mas não conseguia esquecer o que Asmodeus lhe oferecera, principalmente quando era alvo da atenção de seu marido; não parava de pensar na possibilidade de estar em qualquer outro lugar além daquele, fugir, desaparecer no mundo para nunca mais ser encontrada. E havia um detalhe pequeno, que não deveria ser tão importante: fora a primeira conversa que ela tivera em anos em que não estava aterrorizada o tempo todo, sem precisar medir cada palavra que falava, a primeira conversa em que havia se sentido segura.

Não sabia ao certo como mandar seus *pesadelos* para chamá-lo, e repetia todos os dias antes de dormir, mentalmente, como uma prece: *por favor, traga-o de volta para mim. Por favor, por favor, faria qualquer coisa para vê-lo mais uma vez.*

Asmodeus retornou várias semanas depois, quando ela estava prestes a desistir. O lugar era diferente — um jardim florido, com uma fonte cheia de peixinhos coloridos, o barulho da água corrente lhe tranquilizando. Dessa vez, ele se parecia com um homem — Madalena nem sabia dizer ao certo porque tinha essa impressão, porque não havia muita diferença em sua aparência —, usava as mangas da camisa dobradas até o cotovelo, com um ar muito mais informal. Ao lado, segurando sua mão, havia uma *sombra*. Era a única palavra que conseguia descrever a criatura: era escuridão pura, algo entre um humano e um animal, com braços e pernas longas demais, caminhando, flutuando, piscando — movendo-se de forma que seu cérebro mal conseguia compreender.

Quando se aproximaram, a sombra correu até ela, de uma forma desengonçada, que fez Madalena sentir certa afeição. Só que a criatura saltou em sua direção, parecendo expandir, prestes a consumir o mundo inteiro, e Madalena gritou, assustada. A sombra colidiu contra ela, se enrolando a seu redor, ronronando como um gato. Quando a sensação familiar a envolveu, ela entendeu.

— Isso é um pesadelo? — perguntou, imóvel, enquanto a sombra a circundava.

— É um dos *seus* pesadelos. Medo, eu acho — Asmodeus lhe respondeu, colocando as mãos nos bolsos. — É muito carinhoso, quando você ganha a confiança. E aparentemente é o único que consegue chegar até mim. Desculpe a demora.

— Isso não é *possível* — Madalena falou, observando com fascínio enquanto a sombra se encolhia até caber em seus braços, esfregando a cabeça em seu braço.

— Por que não? Você é filha de um arquidemônio, é claro que você ia fazer *alguma* coisa.

— Só os homens manifestam poder.

Asmodeus gargalhou com a resposta e o rosto de Madalena se esquentou novamente.

— Se fosse assim, como o meu poder iria se manifestar? Eu pareço um homem para você?

Ela o fitou com atenção. Asmodeus se apresentava como um homem naquele dia, mas quando Madalena tentou responder que sim, pareceu errado. Na primeira vez em que se viram, ele se parecia com uma mulher, mas tampouco sentia que era correto. Asmodeus era os dois ao mesmo tempo e nenhum, era algo diferente que ela não tinha palavras para explicar.

— Não — Madalena respondeu, por fim, e ele se aproximou. — Não faz sentido. Isso aqui não pode ser *meu*.

Ela apontou para o pesadelo em seus braços e Asmodeus estendeu uma mão para fazer carinho na bola de escuridão nos braços de Madalena, que ronronou com o toque.

— E por que não? — Asmodeus questionou, recebendo um olhar perdido como resposta. — Madalena, todos os descendentes dos primeiros arquidemônios herdaram algum poder, sem exceção. E ao que consta nos registros, manipular pesadelos é um dos dons da Casa da Avareza. Ele só pode ser seu.

Madalena desviou o olhar, encarando a pequena fonte mais à frente,

sem conseguir conciliar o que Asmodeus lhe dizia com o que ouvira a vida inteira, primeiro de seu pai, depois de seu marido. Seu pai sempre havia sido veemente ao ressaltar que todas as suas filhas eram inúteis, um fardo para a Casa, e dizia que os poderes que tanto o orgulhavam eram *inexistentes* em cada uma delas. Ou seu pai não sabia, o que ela achava improvável, ou mentira para elas a vida inteira, para conseguir controlá-las.

Do seu marido, ela não esperava nada além de mentiras.

Asmodeus encostou uma mão em seu ombro, com uma expressão suave, e Madalena voltou a si, olhando-o novamente. Ela se inclinou contra o toque, seu corpo respondendo num reflexo à gentileza que era tão rara em sua vida.

— Você não fazia ideia — Asmodeus constatou. — Ninguém nunca te contou?

Ela balançou a cabeça, e ele encostou suavemente em sua bochecha, quase como havia acariciado seu pesadelo instantes antes. Ela fechou os olhos inconscientemente, uma parte de si torcendo para que ficassem ali para sempre.

— Pobre da minha Madalena — ele sussurrou, sua respiração quente próxima demais do rosto dela. — Olha o que eles fizeram com você, e ainda assim você é forte o suficiente para resistir.

— Eu não sou forte. — Sua voz saiu quase inaudível.

Asmodeus a fez olhar para ele, levantando seu rosto pelo queixo.

— Se não fosse, eu não estaria aqui — ele explicou, sério. — Não é fácil fazer o que você fez para me chamar.

Madalena suspirou, apertando seu pesadelo contra si. Do que adiantava aquilo se ela acordaria e tudo continuaria do mesmo jeito? Asmodeus podia ter se oferecido para ajudá-la a fugir, mas ela sabia que isso acabaria em guerra entre todas as sete casas. Seu marido a desprezava, mas nunca aceitaria perdê-la.

— Se você quiser, eu posso te ensinar como controlá-los — Asmodeus ofereceu.

— Eu não o faria perder tempo comigo, com uma bobagem dessas.

— Você não é uma bobagem, Madalena — ele falou, passando um dedo pelo desenho dos lábios dela. — E seria um prazer ensinar à esposa do meu maior inimigo como derrotá-lo.

Isso a fez gargalhar — pela primeira vez em quase uma década —, e o som a assustou. Asmodeus lhe deu mais um dos seus sorrisos radiantes e se afastou.

— Te vejo nos seus sonhos.

E desapareceu como na primeira vez.



Madalena contava os minutos até a hora de dormir, ansiosa por encontrar Asmodeus e seguir suas instruções precisas de como controlar seus pesadelos, ouvir suas gargalhadas, ver seus sorrisos e sentir a pele quente contra a sua nos pequenos toques que às vezes trocavam. Se pudesse, Madalena sonharia o dia inteiro, só para ficar ao lado da única pessoa que parecia entendê-la.

Agora, conhecia dois de seus pesadelos: Medo, que era como um gato assustado, sempre se aninhando contra ela ou contra Asmodeus, como se as duas pudessem protegê-lo; e Angústia, que era uma sombra muito maior do que Medo, com braços que iam até o chão e que gostava muito mais de Asmodeus do que dela. Madalena entendia, também gostava muito mais de Asmodeus do que de si mesma.

Naquela noite, seu sonho a levou a uma igreja muito semelhante à que ela se casara. Os vitrais coloridos que cobriam as paredes refletiam as imagens dos santos e santas em azul, vermelho e amarelo e uma estátua de Nossa Senhora a observava do alto, as lágrimas pintando suas bochechas de vermelho. Asmodeus estava na primeira fileira, olhando para o anjo vingativo que ocupava o altar.

— Você não acha engraçado que, apesar de tudo, a gente continua encenando essa farsa? — Asmodeus comentou quando a ouviu se aproximando. — Depois de tanto tempo, nada disso importa. Nós fomos expulsos, não tem penitência que nos salve. Mas a gente ainda se ajoelha e pede perdão, mesmo sabendo que isso não muda nada.

Madalena sentiu seu coração acelerar quando finalmente viu Asmodeus, sob a luz multicolorida dos vitrais, seu rosto não muito diferente dos anjos que enfeitavam a igreja; uma criatura divina e perfeita, tão bela que chegava a doer. Ela apreciava Asmodeus em todas as suas formas, mas havia algo naquele lugar que a deixava mais inquieta e mais *sedenta*.

— É porque é bonito — Madalena comentou, se sentando no banco sem desviar o olhar. — Foi você que me disse que a beleza nos aproxima do divino.

— Ah, então quer dizer que você presta atenção nas minhas divagações? — Asmodeus comentou, se virando para ela com um ar descontraído.

Mas sua expressão mudou tão rapidamente que Madalena teve o re-

flexo de levantar uma mão para se proteger, lembrando-se por um instante dos humores voláteis do marido. Ela sentiu medo — o que fizera de errado? O que falara que havia incomodado? No entanto, Asmodeus ficou imóvel, encarando seu decote com uma expressão tempestuosa.

Madalena respirou fundo, se acalmando. Asmodeus não era como seu marido, nunca levantaria a mão contra ela.

Quando abaixou os olhos, tentando entender o que Asmodeus vira para causar tal reação, percebeu o erro que cometera. Sempre tentava se colocar em roupas que cobrissem as marcas da ira do marido, mas estava tão ansiosa que esquecera do que acontecera na noite anterior e da mancha esverdeada que se espalhava em sua clavícula. Não era o pior que já havia sofrido, mas não gostava que as pessoas vissem — não gostava que Asmodeus visse, não queria que soubesse como ela era fraca.

— Madalena... — Asmodeus se aproximou com cuidado.

— O que vamos aprender hoje? — Madalena tentou desviar a atenção.
— Da última vez, você prometeu que iríamos tentar materializar os pesadelos.

— Madalena — Asmodeus repetiu, se ajoelhando no chão à sua frente, segurando suas mãos. — Minha Madalena.

Era golpe baixo quando Asmodeus a chamava daquela forma, fazia-a querer se jogar em seus braços e nunca mais sair. Asmodeus a encarou de baixo para cima, seu toque quente a deixando arquejante e Madalena deixou que se aproximasse, que abaixasse suas mãos, que olhasse para o hematoma com cuidado.

— Foi ele que te machucou? — Asmodeus sussurrou, tocando suavemente a pele esverdeada.

— Não importa. — Madalena tentou se afastar.

Asmodeus abaixou a cabeça, encostando a testa nos joelhos de Madalena, com um suspiro pesado.

— Eu não aguento mais fingir que não vejo nada de errado — Asmodeus falou, apertando as mãos de Madalena. — Fingir que não percebo. Não aguento mais você se submeter a isso quando dava para resolver isso com facilidade.

— Asmodeus, me promete que você nunca vai fazer isso — ela implorou e a arquidemônio à sua frente levantou o rosto.

— Você não merece ter crescido ouvindo mentiras sobre seu poder, ter sido dada em casamento como uma mercadoria, não merece sofrer nas mãos de quem deveria te idolatrar.

Madalena se ajoelhou à frente de Asmodeus, apoiando uma mão no ombro dela, tirando uma mecha de cabelo rebelde de seu rosto com a outra. Seu coração parecia prestes a explodir. Se qualquer coisa acontecesse com Asmodeus, ela não saberia o que fazer. Asmodeus abriu os lábios suavemente, uma mão a abraçando pela cintura, as aproximando.

— Se você vier me buscar, vai começar uma guerra — Madalena sussurrou.

— Talvez eu devesse começar uma guerra, se for para destruir quem faz isso com você. — Asmodeus levou a outra mão ao rosto de Madalena, como costumava fazer, e ela recebeu o toque com um suspiro quase inaudível. — Você não é uma santa para se martirizar em nome de quem nunca pensou em você. Você acha que quem te entregou para esse homem, que ele, merece o seu sacrifício?

— Eu não me importo com eles — Madalena falou, angustiada. — O que eu faria se você se machucasse? Se perdesse você por causa de algo estúpido?

Asmodeus a encarou, seu dedão acariciando os lábios de Madalena, uma expressão que ela nunca vira em seu rosto.

— E se eu perdesse *você* por causa de algo estúpido? — Asmodeus respondeu num sussurro. — E se um dia seu marido decidir que se cansou de você? O que *eu* vou fazer?

Madalena fechou os olhos, se inclinando para frente, e quando seus lábios se tocaram, foi como se algo dentro dela finalmente se libertasse. Ela se agarrou a Asmodeus, puxando-a contra si, transformando o beijo em algo frenético e desesperado e cheio de desejo, e se pudesse, nunca mais a largaria. Ela queria Asmodeus por inteira, não só em seus sonhos, queria os toques gentis que ela desconhecia, queria dormir e acordar e passar todas as horas do seu dia a seu lado.

Quando se soltaram, Asmodeus encostou a testa na dela, ofegante.

— Me deixe te buscar — implorou.

Madalena ficou em silêncio, desviando o olhar, e Asmodeus a soltou, parecendo triste.

— Não há nada que eu não faria por você — falou, por fim. — Quando você quiser, estarei lá no mesmo instante.



O quarto em que Madalena acordou era completamente desconhecido. Encarou o teto desnorteada, sem entender se estava em um pesadelo, e algo se moveu a seu lado. A criaturinha de sombras se aninhou contra ela e Madalena suspirou, aliviada. Era um sonho, então, já que um de seus pesadelos estava ali com ela.

A seus pés, outro se movimentou, apoiando-se contra a canela de Madalena, e ela acariciou o que estava ao lado, tentando descobrir quem era. Era esquisito que Angústia não estivesse escondido como sempre fazia quando Asmodeus não estava por perto. O pesadelo a seu lado a envolveu como num abraço, acomodando a “cabeça” em seu colo, como uma criança procurando alento. Foi o que lhe deu a certeza de que não era nenhum dos que conhecia. Será que havia conseguido controlar outro? Não conseguia lembrar. Sua cabeça doía demais para raciocinar direito.

Quando Asmodeus finalmente apareceu, examinou o quarto com receio antes de entrar e Madalena não conseguiu ler sua expressão — era quase como se Asmodeus estivesse com medo. Mas estavam num sonho, não havia o que temer.

— Você finalmente acordou. — Asmodeus suspirou, com alívio. — Como você está se sentindo?

— Como assim, acordei? Asmodeus, a gente tá num sonho. — Madalena riu, mas parou assim que Asmodeus se sentou ao pé da cama.

Sonhos eram quase perfeitos. A aparência e o tato permaneciam idênticos, mas cheiros e gostos eram impossíveis de serem replicados. Quando sentiu o perfume de rosas que Asmodeus emanava, Madalena prendeu a respiração. Aquilo era *real*?

— Como você está? — Asmodeus repetiu, envolvendo o calcanhar de Madalena com uma das mãos sem encostar em sua pele.

— Minha cabeça está doendo... Eu estou aqui de *verdade*? Asmodeus, o que aconteceu?

— Como estão seus ferimentos? Ainda sente alguma outra dor?

Madalena negou, mesmo sem saber o motivo da pergunta de Asmodeus. Não havia nada em seu corpo além das cicatrizes que já carregava e ela se sentou na cama, esticando uma mão para encostar em Asmodeus em busca de algum conforto. Asmodeus se esquivou do toque, segurando suas mãos e examinando os seus pulsos.

— Não se lembra de nada? — perguntou com gentileza e Madalena negou novamente.

Quando Asmodeus fechou a mão em seu pulso, as lembranças vol-

taram em um turbilhão. Seu marido, irado ao descobrir sobre os encontros; todo o sofrimento que ele a fez passar; o pânico e a *raiva* que a dominaram quando viu que não teria jeito, a sensação esquisita, quase surreal, de seus pesadelos saindo de sua mente e se materializando. Asmodeus, assustadora e belíssima com as asas esticadas como um anjo vingativo, tomando-a em seus braços e levando-a embora.

Ficaram em silêncio pelo tempo que Madalena precisou para se recuperar.

— Onde estamos?

— Minha casa. Eu te trouxe para cá depois que te encontrei e tentei curar suas feridas, mas fiquei assustada porque você ficou três dias dormindo.

— O que eu *fiz*?

— Você foi uma aluna muito aplicada e consegui materializar seus pesadelos. — Asmodeus falou com humor e um desenho de sorriso. — Eu te disse que você seria imbatível quando acontecesse. Nem sei se restou algo de pé na Casa da Ira.

Asmodeus ainda a segurava, mas não fizera nenhum movimento para se aproximar. Madalena tentou se lembrar de detalhes do que ocorrera, algo além de fragmentos, para tentar entender a distância entre elas. Asmodeus parecia tão hesitante. O terceiro pesadelo a abraçava como uma segunda pele, e quando se esforçou para juntar os pedaços de memória foi dominada por um único sentimento.

— Ah. Raiva? — Madalena constatou e Asmodeus assentiu. Sentiu um aperto no coração e perguntou: — Você está com medo de mim?

Asmodeus sorriu gentilmente e esticou uma mão para arrumar uma mecha de cabelo de Madalena, que se inclinou em sua direção, sem vergonha alguma, torcendo para que a outra não se afastasse.

— Eu nunca teria medo de você, Madalena.

— Então, por que você não me abraçou ainda?

Asmodeus acariciou a bochecha dela, reflexiva.

— Eu não quero me impor. Não quero que se sinta obrigada a nada. Eu não sei o que você passou nos últimos anos, mas nada daquilo vai se repetir e...

— Asmodeus, *eu te amo* — Madalena interrompeu, deixando-a sem palavras por alguns instantes.

— Ah, Madalena — Asmodeus suspirou. — Minha Madalena.

Era o suficiente para que Madalena soubesse que era recíproco, para fazê-la vencer a distância que existia entre elas e beijar Asmodeus com calma,

sentindo seu cheiro e seu gosto e seu calor contra a pele, cada suspiro e cada gemido. Quando se separaram, Asmodeus suspirou e apertou Madalena contra si, encostando a cabeça em seu ombro.

Madalena passou a mão pelos cachos de Asmodeus, uma sensação esquisita que não conseguia nomear se apoderando de si. Aquilo era *real*, não era mais um de seus sonhos, e ela estava segura. Sentiu uma pressão no peito e respirou fundo, tentando controlar seus sentimentos. Nunca havia imaginado uma vida diferente da que levava.

— Eu acho que tenho um problema. — Madalena quebrou o silêncio.
— Não sei o que fazer agora.

Asmodeus riu e a beijou.

— Você pode ficar aqui até decidir. Pode até ficar para sempre, se quiser.

Madalena sorriu, sem conseguir se conter. Se havia algo de que tinha certeza, era que com Asmodeus a seu lado não teria dificuldades para descobrir o que faria dali em diante.

— Mesmo que isso cause uma guerra? — ela provocou.

— Mesmo que cause mil guerras, Madalena. — Asmodeus sorriu de volta. — Você finalmente está livre.

A Carta e o Limbo



Verônica tem 35 anos e é funcionária pública em grande parte do seu dia. Mas é quando escreve que seu dia ganha algum significado. Aprendeu a ler com as revistinhas da Turma da Mônica, antes da maioria das crianças de sua idade e isso alimentou uma imaginação que, desde então, só faz crescer. Escreve e lê de tudo, mas seu gênero favorito são os suspenses e a ficção fantástica.

Querida Beatriz,

Escrevo sem saber se vai ler. Nosso último encontro provavelmente fez com você o que fez comigo. Encontro-me entre os dois mundos, o seu e o meu, mais perdido do que nunca. Mas posso ouvir sua voz quando me concentro. É ela que me mantém são nesta escuridão, muito embora também tenha sido ela a responsável por eu estar aqui.

O que tem te feito cantar, minha querida? Você pensa em mim? Por um acaso entendeu meus motivos para fazer o que fiz? Escrevo porque quero garantir que entenda minha posição. Tudo o que eu queria era chegar ao paraíso mágico que é meu mundo. Lá eu teria forças para conjurar um portal que pudesse finalmente nos reaproximar. Talvez, minha ganância tenha sido maior do que minha capacidade, e o feitiço, em choque com o poder que finge não ter, tenha causado mais estrago do que calculei.

Encontro-me num lugar que divide o mundo humano e o mundo das fadas, exatamente no meio. Não há sonhos aqui, no entanto. Então tudo o que me resta é vagar sem rumo, procurando sua voz, porque não posso tirar energia de nada. Sua voz me faz lembrar, com mais frequência do que nunca, de como me apaixonei por você e pelo seu canto. Já te disse isso uma vez, mas como não tenho mais nada além da minha própria companhia e da sua voz, o que me resta é repetir uma declaração que provavelmente nunca vai ouvir. Ou acreditar.

Quando fecho meus olhos é como se voltasse a entrar naquele bar.

Havia sempre muita gente naquele bar, mas eu gostava porque eram todos muito bem resolvidos sexualmente. Ao contrário dos velhos que conheci quando cheguei. Quando fui lançado do portal, cem anos antes de você

ter nascido, as pessoas se soltavam apenas em reuniões muito específicas e fechadas. Hoje não, hoje elas se reúnem a céu aberto. Basta um violão, uma voz suave e uma caixa de fósforo que a festa começa, as pessoas se soltam e a música domina. Foi assim também naquele dia. Mas era a sua voz, suas mãos batendo de leve num pandeiro pequeno e seu amigo numa sanfona, que me levaram a ignorar todos os rostos bonitos e convidativos, cheios de sonhos dos quais eu poderia abastecer meus poderes por muitas semanas.

Fui hipnotizado pelo som da sua voz. Talvez, Bia, você tenha sido uma criatura mágica tanto quanto eu. Acredita na existência de outras vidas? Alguns humanos acreditam, mas provavelmente você não faz parte desse grupo. Normalmente eles não têm nenhum tipo de magia e você a tem de sobra no sangue. É o que faz sua voz chegar a mim nesse limbo. Estou divagando, preciso me concentrar de novo.

Por favor, cante para mim com mais frequência. É por isso que lhe escrevo. Sua voz me dá um norte e me guia em direção a você. Eu não sei que tipo de feitiço vou precisar fazer para atravessar de volta. Não acho que tenho poderes suficientes para mais do que isso, então nem cogito tentar transpor o que falta para chegar ao meu mundo. Temo não conseguir sair e terminar por me perder para sempre aqui. Acha que a Morte me encontraria finalmente?

Cante, Beatriz. Cante. Preciso da sua voz para existir. Preciso da sua voz para me lembrar que te amei intensamente. Loucamente. Cante, porque é sua voz que me lembra o quão ganancioso eu fui, já que tudo o que eu precisava, já tinha. Você.

Aproveito essa carta – que se junta a tantas outras, numa pilha que não sei como enviar – para pedir seu perdão. Tudo o que fiz, foi por querer que visse meu mundo. Minha única intenção ao usar a pequena *Yayáh* era que ela fosse mais um condutor de energia mágica. Assim como você, sua irmã possui muita magia em seu sangue.

Perdão, possuía.

Não previ que em vez de condutor ela passasse a catalisador. Nunca desejei mal algum a Yasmin. Foi ela quem me resgatou primeiro, quem acreditou em mim e me ajudou sem saber nada. Meu coração dói por sua perda

tanto quanto dói por não ter você comigo. Infelizmente toda magia tem seu preço, e não é diferente para um ser feérico como eu. Realmente acreditei que teria poder suficiente para desfazer o mal causado, e assim que isso acontecesse, você entenderia porque fiquei tão obcecado em voltar. O mundo humano é muito cheio de perversidade, nunca me senti acolhido nele. Não pertenço a esse mundo, por mais que ele sempre me seduza. Admita, há humanos que conseguem ser ainda piores do que fui. Tudo o que eu quis foi te mostrar meu mundo. Voltar para casa. Ter você lá comigo.

Gostaria de poder jurar que nosso embate final não se repetiria, mas acho que sabe que muito provavelmente eu faria uma nova tentativa de atravessar os mundos. Com a sua ajuda, talvez fosse mais fácil, mas acredito que tentaria até mesmo sem ela. Não tem porquê eu mentir aqui. Não tenho para onde ir além disso. Do amor que sinto por você. Da certeza de que tentaria a passagem de novo.

Com sorte, na sua companhia, com sua voz me mantendo são.

Cante, Beatriz. Por favor, me tire daqui. Preciso te ver enquanto canta, te adorar e te amar como naquele dia, naquele bar lotado, ao ritmo de um pandeiro e uma sanfona.

Com amor,

Ariel.



Ars Amoris



L. M. Golizia é historiador, contista, estudante freestyle da Goétia nas horas vagas, e se esforça para só escrever romances em que os envolvidos cometam pelo menos duas heresias no meio. Adora longas caminhadas na praia e histórias de amor que torturem o leitor ao ponto de implorar para que os personagens só se beijem logo de uma vez pelo amor de tudo que é sagrado.

— E aí, como tá indo a monografia?

Parecia até meio anticlimático cortar o silêncio do finzinho da tarde com uma pergunta tão mundana, mas Andie precisava controlar seus nervos, e seu próprio silêncio irrequieto, observando o quase-cochilo de Kim, já começava a lhe incomodar.

Kim, com a jaqueta do uniforme largada na grama, estava esparramada no chão com a cabeça no colo de Andrea. Compartilhavam o mesmo espacinho costumeiro nos jardins após o último período, que, infelizmente, como vários outros, faziam separadas; ela na aula de Caligrafia Avançada e Kim lá na outra ala do Internato, em um dos laboratórios antigos. Poderem deitar juntas assim havia se tornado uma ocasião cada vez mais rara no último ano, fosse pelos currículos muito diferentes, fosse por Kim estar sempre muito mais ocupada.

Os olhos de Kim, um universo que Andrea poderia encarar para sempre, se abriram devagar no meio da bagunça de seus cabelos ruivos.

— Táááá... indo.

— Tá “indo” há uns três meses.

— Eu pedi pra você me ajudar, mas seu coração gelado negou minhas súplicas... — Kim, baqueando um pouco o citado coração, levantou uma das mãos e apertou com o indicador a ponta do nariz de Andrea. — Me abandonou.

Andie afastou o braço dela com um tapinha, e Kim deixou seu braço cair mole sobre a grama. Riu da teatralidade costumeira antes de rebater sua crítica.

— Você implorou quase de joelhos no começo do semestre pra eu não te ajudar, não importando o quanto você pedisse.

— Eu sei, mas me dar ouvidos foi decisão sua!

Kim cruzou os braços sobre o peito, bufando e fingindo estar brava de verdade. Talvez alguém menos próximo até acreditasse que estava, mas Andrea a conhecia bem o suficiente para saber seus sinais reais. Quando estava

com raiva, arregalava os olhos; quando estava triste, andava com os ombros caídos; e, quando estava feliz, o reflexo de seu sorriso nos cantinhos dos olhos ribombava trombetas na cabeça de Andrea.

— Eu vou terminar a tempo, só estou, sabe... meio confusa. Correndo da capital pra cá e tal.

O nó em sua garganta, que não parava de aumentar há semanas, exaltou sua presença de forma impossível de ignorar.

A semana de provas finais e de entregas de monografias ocupavam tanto tempo que quase escondiam a maior preocupação de Andrea: a chegada do final do último ano das duas no Internato. Em breve, teriam o término definitivo das aulas, o baile de formatura... e, então, Kim se mudaria de vez, a muitos rios de distância, para estudar na universidade da capital.

— Sei.

— Nem consigo acreditar que já tá acabando... mal posso esperar pra poder esquecer pelo resto da minha vida de Propriedades Materiais.

Andrea respondeu com um riso fraco, ainda tentando disfarçar seu nervosismo, enquanto sentia a maciez do cabelo de Kim sobre a palma da mão. Mordia o lábio por dentro, desviando o olhar para qualquer ponto do horizonte.

— Ei. Você tá esquisita.

Kim, perspicaz como sempre, apertou a ponta do nariz de Andrea outra vez. Quando olhou para baixo, viu os olhos da amiga lhe encarando de volta, com uma expressão vaga entre a preocupação e a confusão.

— Olha quem fala.

Estava esquisita, de fato, e duvidava muito que fosse ficar menos esquisita até falar em voz alta o que havia treinado incontáveis vezes no último mês ou bimestre... no último ano inteiro. Desde que pensou pela primeira vez em quem seria sua companhia para o baile.

Seus pulmões pareciam prestes explodir, e o convite tão desejado começou a sair quase que por vontade própria, exausto do cárcere.

— Kim, eu... posso te perguntar uma coisa?



Andrea quis muito poder dizer para si que o que estava fazendo agora não tinha nada a ver com a resposta ao pedido. Apesar da culpa dupla de cabular a última aula, Andrea sentia que não conseguiria prestar atenção na matéria nem que tentasse, de qualquer maneira. A primeira culpa vinha por perder a última revisão logo antes do último fim de semana de paz; a segunda, por não se sentir nem um pouco bem com a ideia de investigar Kim.

Um lado de sua cabeça lhe dizia que deveria parar. Deveria voltar para seu dormitório e passar o resto do fim de semana estudando, como qualquer outra aluna, ou o Internato faria questão de triturá-la durante as provas finais. Deveria dar a Kim o espaço que claramente queria e... respeitar suas decisões pessoais.

O outro lado dizia que deveria continuar se esgueirando atrás de árvores, paredes e corredores para seguir Kim discretamente. Era o mesmo lado que reforçava que sua preocupação tinha justificativa. É claro que queria entender um pouco melhor porque Kim passou a evitá-la com tanta veemência desde o convite, que não chegou nem a responder direito, alegando que estava atrasadíssima para um compromisso antes de quase sair correndo... mas outras coisas assumiram uma certa prioridade.

Uma coisa, no caso. Uma espionagem incauta, acidental, ao ir visitar a colega de quarto da amiga para pegar uns livros de volta, e encontrar velas, giz, pedaços de carvão, um livro com um pentagrama invertido na capa e uma adaga visivelmente afiada, com cara de que deveria estar num museu, na mochila de Kim.

Conforme ficavam mais sozinhas, tanto pela chegada do final do dia letivo quanto por se aproximarem da ala mais esquecida do Internato, mais Andrea precisava tomar cuidado em sua perseguição; e mais se sentia apreensiva com a ideia de visitar a ala antiga.

Sabia que não deveria julgar o local como “abandonado”. Era forte demais. Algumas das salas ainda eram utilizadas, especialmente os laboratórios de ciências, preservados na medida do possível e cheios de equipamentos delicados que não justificavam a mudança de lugar. Mas a quantidade ridícula de teias de aranha, e o esforço que Andrea precisava fazer para tentar não espirrar no segundo em que pisou dentro do prédio antigo, deixavam a desejar a vontade de dizer algo positivo.

Entre um corredor e outro, sempre mantendo distância suficiente, via Kim passando de lá pra cá. Seguia um trajeto que, pelo jeito, já havia feito antes, apesar de Andrea não ter a mínima ideia do destino. Começava a duvidar até se estava sendo propositalmente despistada.

Após algum tempo, enfim viu Kim entrar em um dos laboratórios vazios. Já estavam tão infurnadas na ala antiga que Andrea precisava tomar cuidado para que seus passos sobre o piso não ecoassem a ponto de chamar atenção. Mas, quando Kim demorou para sair, resolveu arriscar para descobrir o que ela fazia lá dentro.

Esgueirou-se para mais perto do batente e, em uma única espiada cautelosa para dentro, enfim viu as costas de Kim. Estava no outro canto da sala, semi-escondida atrás de algumas bancadas. Pelo barulho, mexia em algo que parecia ser... de cerâmica, talvez?

Descuidada em sua espionagem, Andrea moveu sem querer um ladrilho solto do piso. Antes que Kim fosse alertada pelo movimento, conseguiu se esconder, prendendo por completo a respiração.

Não ouviu mais nenhum barulho por um bom tempo. Nem o tilintar da cerâmica, nem passos, nem nada.

Quando enfim tomou coragem para olhar para dentro da sala de novo, não viu nada. Kim não estava lá — e só então Andrea notou que a sala tinha uma outra porta de saída. Desapontada, andou com cuidado para dentro, para pelo menos tentar ver no que Kim estava mexendo antes de desaparecer, agora que perdera seu rastro.

Apesar do laboratório ainda ser usado, sua atmosfera era pesada. Havia no ar um cheiro neutro, porém forte, que Andie não conseguia identificar. Entre uma série de bancadas longas, algumas equipadas com bicos de *bunsen*, microscópios velhos ou armações de ferro de propósito incerto, havia vidros de cor âmbar vazios e espalhados. A falta de luz decorrente do pôr-do-sol tornava cada vez mais difícil investigar a sala. Sua atenção foi atraída para o canto em que Kim estava, perto de dois armários de madeira, com suas portas entreabertas.

Abriu o primeiro, e teve uma surpresa olfativa antes da visual, com o forte aroma de formol. Dentro do móvel, organizados em prateleiras, estavam vários jarros âmbar iguais aos que estavam espalhados pelas mesas, mas estes estavam propriamente fechados e cheios. Boiando, quase imóveis dentro do líquido de preservação, e devidamente etiquetados, estavam pequenos espécimes indistinguíveis de animais, ou órgãos, ou outras nojeiras científicas que Andrea não estava muito afim de descobrir o que eram.

Fechou os olhos e apertou o maxilar, imediatamente arrependida, quando as dobradiças enferrujadas rangeram ao abrir o segundo armário e, ao levantar as pálpebras de novo, após o som, não soube que tipo de reação seria minimamente adequada.

As prateleiras do armário estavam cheias de ossos.

Crânios. Fêmures, costelas soltas, vértebras perdidas. Eram humanos, ou ao menos... humanoides. E, por mais que já parecessem bem velhos, gastos, e devesse haver uma boa explicação para seu uso no laboratório, esqueletos não eram particularmente do gosto de Andie.

No meio da prateleira, perto de algumas mandíbulas, restava um espaço sem poeira que parecia ter sido remexido recentemente. Ao observar mais de perto, percebeu que os lados dos outros crânios estavam todos cobertos de pequenas incisões, provavelmente desenhadas com a ponta de uma faca, mas que não conseguia identificar no escuro.

O silêncio foi cortado novamente. Dessa vez, muito ao longe, pelo barulho de chaves em um cadeado e um rangido metálico.

Apesar dos crânios darem ainda mais a indicação de que Kim estava fazendo algo que não deveria, e que a esse ponto existisse uma chance de que já soubesse que estava sendo seguida, Andrea sentia que sabia demais para não ir até o fim.

A luz noturna beirava o insuficiente para enxergar o resto do caminho, mas ela prosseguiu. Vasculhou os corredores solitários, agora na parte mais profunda da ala antiga, com um calafrio lhe subindo a espinha e implorando que ela voltasse para a segurança dos jardins do campus. Não ajudou muito quando, minutos depois, uma ventania invadiu os corredores, balançando as teias de aranha e trazendo o pesado estrondo de metal contra pedra.

Demorou para encontrar a origem do barulho, mas, após virar num corredor sem saída, deu de cara com um buraco vazio na parede. Uma antiga porta de ferro aberta, convidando-a ao que Andrea só podia presumir ser uma escada para o porão — e com um montinho largado no chão que, ao passar perto, entendeu ser a corrente esquecida que antes o trancava.

Um brilho leve iluminava o final da escada, acompanhado de um murmúrio desconhecido, baixo demais para que Andrea pudesse discernir qualquer uma das palavras, mas conseguia ouvir duas vozes diferentes.

Desceu um degrau por vez. Quanto mais descia, seu mero medo de tropeçar no escuro era substituído pelo terror de que Kim não apenas havia *tentado* praticar um ritual. Havia conseguido.



— Você já decidiu pra que área vai, afinal?

Kim refez a pergunta que Andrea detestava ouvir.

Pensar nisso exigia pensar no futuro e, para isso, não apenas precisava considerar as pressões do fim da adolescência, no que as universidades locais ofereciam de bom, ou em quem se imaginava ser em alguns anos — precisava considerar também que Kim partiria de vez. E ainda não havia feito a pergunta derradeira para ela. Não sabia nem *se* iria fazer.

— Não sei... talvez Caligrafia Teórica?

— Sem graça. Não combina com você.

— Pois me desculpe, marquesa, se nem todos nós temos certeza de querer trabalhar com Manifestações.

Kim, do outro lado do quarto, arremessou um travesseiro na direção dela. Andrea desviou, sorrindo, já esperando o contra-ataque.

— Odeio quando me chamam assim.

— Combina com você.

— Combina porra nenhuma!

Treinada o suficiente pela convivência de anos, Kim deu uma finta em Andrea ao fingir um arremesso e esperar o desvio para arremessar de verdade, acertando o rosto dela em cheio. Sem titubear, Andrea jogou o travesseiro de volta, mordendo o lábio para conter seu riso. O rosto de Kim, emoldurado daquele jeito tão charmoso por sua juba, dava toda indicação de que se continha para não lhe dar um sorrisinho de volta.

Sentiria falta dela. Muito mais do que gostava de admitir.



Seu coração batia forte ao terminar de descer a escada, cada pulsar um trovão.

Não sabia nem se queria olhar. Se queria de fato confirmar que era de fato Kim ali, trocando sussurros com uma outra voz à distinta luz de velas. Ou, por outro lado, se queria confirmar que também estava agora no mesmo porão, depois de uma longa investigação que não deveria ter feito.

— Me diga o que fazer, por favor, ó venerável... — perguntou a voz baixa de Kim, vinda do que Andrea só conseguia identificar como um amontoado de roupas sobre uma pessoa ajoelhada.

— Basta.

A voz desconhecida, mesmo falando com calma, reverberou pelo porão como se alguém tocasse uma trombeta. Kim se levantou de supetão, com uma mão na frente do peito.

— Agora você está testando minha paciência.

Andrea, no escuro, se aproximava devagar. Só conseguia ver Kim, por enquanto, quase escondida em um ângulo estranho atrás de uma esquina das paredes do porão — e, aos poucos, via espalhadas no chão velas vermelhas, os livros da mochila esquecida de Kim e um rastro de carmim, redondo por fora, com retas cortando o interior.

— Eu sei que não é certo, e eu quebrei algumas regras, mas... na moral, dá essa força?

Quando Andrea parou de andar, posicionada em silêncio a alguns metros atrás de Kim, a figura com quem ela conversava a surpreendeu, por dois motivos: primeiro, pois não imaginava, nem em seus sonhos mais vagos e bobos, que veria em um porão velho uma figura tão majestosa quanto aquela. Flutuando alguns centímetros acima da peça central do pentagrama ritual — um crânio e mandíbula com várias incisões, adornado com uma coroa de ferro retorcido —, estava um homem nu, de pernas e braços longos, com o rosto delicado de uma mulher humana e uma brilhante coroa dourada sobre seus longos cabelos pretos.

Segundo, pois apesar de rituais de invocação superior não serem estritamente proibidos para estudantes do colegial, ocupar o tempo de alguém tão notório quanto o grande Rei Paimon era definitivamente falta de educação.

— Kimaris. A primeira vez foi louvável, não achei que alguém do seu nível conseguiria me invocar. A segunda, considerei bom treino para a defesa da sua tese, mas me lembro claramente de lhe alertar para que não o fizesse de novo. — Com os braços cruzados sobre o peito, e uma expressão do mais puro saco cheio, Paimon olhava de cima para Kim. — E aí você me invoca uma terceira pra essa bobagem?

— Eu... porra, foi mal, só... sei lá, você sabe tanta coisa, achei que pudesse me ajudar se eu pedisse com carinho.

— Eu sei muito sobre as ciências e o universo, cacete! Fórmulas secretas e complexas de matemática, os segredos da arte e da filosofia, não ISSO!

— Mas isso é complexo pra mim! Não entendo e não sabia mais pra quem perguntar! — Kim parecia, mesmo sob seus robes pesados, tremer de corpo inteiro. Olhava para o lado, evitando encarar Paimon diretamente. — Pode significar qualquer coisa... e se ela não gostar de mim *desse* jeito?

Paimon, do jeito que colocou as mãos no rosto, jogando a cabeça para trás e bufando, pareceu que estava prestes a explodir.

— Como você passa numa das universidades mais difíceis do Inferno e não entende o que significa quando alguém te chama pra ser o PAR DELA

na formatura! Pergunte pra ELA o que significa!

— Mas... como?

— Virando pra trás e PERGUNTANDO!

Paimon, furioso, esticou um braço para a frente, gesticulando exatamente para onde Andrea estava, tremulando o fogo das velas com o estrondo de sua voz.

Ser revelada a tomou de surpresa. Precisou conter, com todas as forças, a repentina vontade de correr, ainda mais quando Kim, abaixando o capuz de seu robe para revelar sua majestosa juba de leão, virou-se para trás, vendo a silhueta de Andrea iluminada pela fraca luz.

— Andie?

— Oi, Kim.

As duas se entreolharam, em silêncio, por mais tempo do que qualquer observador teria paciência para esperar.

— Sinceramente inacreditável. — Paimon chacoalhava a cabeça, apertando o meio da testa com os dedos. — Um dia me invocam para contestar a teoria da relatividade restrita, no outro dia pra ser a porra dum Cupido. Não tenha dúvida que essa burrada ficará no seu currículo.

O efeito das palavras do Rei fora imediato, e Kim parecia meio derrotada, olhando pro chão sem saber o que dizer.

Andrea, de imediato, reagiu sem nem pensar antes.

— Ei! — guinchou, estridente, com um estrondo equiparável ao da voz de Paimon. — Não fale assim com ela!

— Ah, e agora apareceu você também pra achar ruim? — Paimon colocou as mãos na cintura, desafiando o olhar de Andrea. — E o que a nobre marquesa Andrealphus vai fazer, por acaso, se eu apontar outra vez que ninguém invoca reis infernais pra pedir *conselhos amorosos*?

— Vai batizar criança no limbo, seu babaca!

Correndo na direção do pentagrama, para a surpresa óbvia na expressão de ambos, Paimon e Kimaris, Andrea deu um chute magistral no crânio no meio do círculo ritual, arremessando o osso para um canto esquecido do porão. Junto dele, a manifestação de Paimon prontamente desapareceu, com um último grito de raiva que ecoou entre as paredes de pedra, esvaindo-se aos poucos.

Quando deu por si, Andie estava no meio do pentagrama, bufando, de costas para Kim... e acabando de perceber o que havia feito.

— Andie, você...

— Eu acabei de dar uma bicuda na sua monografia?

Andrea se virou devagar, sem saber se tinha fibra para encarar Kim depois de atrapalhar o ritual dela. A expressão de Kim, entretanto, mudava lentamente do choque para a mera confusão.

— Sim, mas...

— Acho que a universidade de Dis não vai ser uma das minhas escolhas, né?

Talvez fosse uma histeria causada pelo choque. Definitivamente não era o som que estava esperando depois do que fez. Mas Kim perdeu a confusão na cara por completo, e começou a rir. Riu alto, tomando o espaço do porão inteiro. Andie, sem saber onde enfiar a cara, não pôde fazer nada além de esperar acabar.

— É, eu acho que chutar um dos professores não vai... ajudar muito suas chances. — Após chegar ao ponto de tirar lágrimas dos cantos de seus olhos, seu riso morreu aos poucos, encaminhando-se a um silêncio quase constrangedor. — O que você tá fazendo aqui?

— Desculpa. Eu... você estava agindo estranho a semana inteira, eu tava até agora sem saber sua monografia, e eu vi as coisas na sua mochila quando fui estudar com Beleth outro dia. — Andie encarou a adaga esquecida no chão, ainda pintada com um pouco de sangue fresco. Sua voz, no fim, saiu fraca, encabulada. — Fiquei preocupada de, sei lá, ter te afastado dizendo alguma bobagem.

Kim mordeu o lábio, mudando de perna o peso de seu corpo. Suspirou devagar antes de responder.

— Você ouviu tudo?

Apesar de ficar ainda mais envergonhada e confusa por isso, admitiu, concordando com a cabeça.

— Eu que peço desculpas, então.

— Quê? Por quê?

Kim, um passo por vez, se aproximou dela, entrando nos limites do pentagrama também. Com todo o cuidado do mundo, como se alguma das duas fosse quebrar pelo movimento errado, tocou nas penas de pavão de um dos braços de Andie.

— Eu não soube como responder o seu convite, por que... não sabia se você gostava de mim do jeito que eu gosto de você. — O rosto de Kim, cabisbaixo, subiu lentamente até que seus olhos encontrassem os de Andie. — E considerando, sabe, que eu vou pra Dis e tal...

Andie permaneceu em silêncio, com o queixo meio caído. Seu coração trovoava tempestades catastróficas de tão nervoso, e mesmo assim... en-

quanto aguardava o final das palavras de Kim, sentia que aproximava-se da calmaria do olho do furacão.

— Eu acho que saber que a gente iria se separar me deixou com medo de que você gostasse de mim também.

Próxima do jeito que Andrea sempre gostou de estar de Kim, a marquesa infernal sentiu um enorme sorriso se formar em seus lábios, junto das lágrimas nos cantos dos seus olhos.

— Kim... você fica brava comigo se eu disser que Paimon tava certo?

— C-como assim?

— Que bobagem você achar isso.

Andie respondeu à mão de Kim em seu braço colocando uma de suas próprias na cintura dela. Aliviada como se o peso de nove círculos do inferno tivessem sido retirados de seus ombros, repousou uma das palmas na bochecha de Kim, que aninhou o rosto contra sua mão com a leveza que Andrea sempre sonhou que teria.

— Dis não é tão longe assim.

Kim, perdendo por completo o nervosismo de seu rosto, sorriu de volta. Então, com toda a calma e importância dada aos rituais que não deveria ter se arriscado a fazer, passou seus braços ao redor do pescoço de Andie, puxando-a para um longo beijo no centro do pentagrama esquecido.

Quando afastaram seus lábios, as duas marquesas demoníacas se olhavam nos olhos bem de perto, uma com as mãos no rosto animalesco da outra. Kim foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Você não devia estar estudando pra prova de Sacrifícios?

— Mmm... você me ajuda com isso depois que a gente consertar o que eu fiz com a sua tese de Invocação?

Kimaris riu outra vez do jeito que Andrealphus cruzaria o Flegotonte mil vezes para escutar. E, após concordar em silêncio, beijou-a de novo.

Autoria: Tainá F. W.

Até que a Morte



Tainá gosta de botar a vida em movimento, seja na profissão de Motion Designer ou dançando Contato Improvisação. Sua salvação tem sido transformar seus dramas pessoais em ilustrações, poesias e autoretratos. Acha Buzz Lightyear o melhor filósofo com "Ao infinito e além".

até que a morte.



TAINÁ F.W.
2021

Bellarriel - A Cantiga do Anjo



Coral Daia é escritora desde os 11 anos. É mulher bissexual e bipolar. Começou escrevendo fanfics. Escreve sobre fantasia, ficção científica, romance policial, terror e drama YA com temáticas LGBTI+. Já publicou na Faísca, na Revista Aversa e participou de antologias das seguintes editoras: Wish, CHA, Cartola e Sem Tinta. É mestre em oceanografia biológica pela FURG e divide o tempo entre desenhar e escrever com fazer ciência.

Steve levantou os olhos. A luz da manhã entrava delicadamente pelas cortinas do quarto, banhava os móveis de branco e fazia as penas de seu anjo reluzir. Virou o corpo para fitá-lo dormir enquanto deslizava a mão por debaixo do lençol para encontrar a dele. Deu um pequeno aperto em seus dedos, e o anjo se remexeu, acordando de leve.

Steve olhou bem para seus cílios se movimentando com preguiça, piscando ainda sonolentos. Aquela sensação de ter seu anjo ao seu lado era estranha: estavam mergulhados em tanta paz, abusando da sorte mesmo sabendo que permanecer daquele modo era extremamente perigoso.

O anjo, ao levantar o rosto amassado, deparou-se com Steve a olhá-lo tão concentrado, tão perdido em pensamentos, que não pôde deixar de abrir um largo sorriso. Steve, caindo por terra, sorriu-lhe de volta e farfalhou os lençóis ao se aproximar e depositar um beijo de borboleta em seu rosto. O anjo riu, e ele fechou os olhos, aproveitando o máximo que podia daquela paz.

— Steve — chamou o anjo. — Eu te trouxe o sol da manhã de novo, hoje.

— Você quer uma canção?

E o anjo assentiu, animado.

Se essa rua

Se essa rua fosse minha

Eu mandava

Eu mandava ladrilhar

Com pedrinhas

Com pedrinhas de brilhantes

Para o meu

Para o meu amor passar

Steve ainda se lembrava de quando o conhecera.

Era o dia mais quente do ano, o sol surrava o asfalto com o seu calor e sugava o vapor com sua imensa sede, deixando apenas a pedra seca reluzir à luz, como um tapete de diamantes.

Steve estava voltando da escola quando uma sombra o protegeu do sol carrasco. E quando olhou para cima, se deparou com um garoto sardento no topo do telhado de sua casa, os braços abertos segurando asas feitas de pombas brancas depenadas. Ele grasnava:

— Eu trouxe o sol! Traga-me uma canção!

O garoto pulou do telhado da garagem, e Steve teve de correr para não o deixar rachar a cabeça no chão quente. Talvez ele só estivesse sofrendo de insolação e precisasse de água, sombra e descanso, mas Steve havia se encantado tanto com aquele anjo mal feito que o levou para casa, onde o adotou como um pássaro ferido perdido dos céus.

Steve passou a cuidar dele, prometendo-o uma casa que seria inteiramente dele, mas apenas enquanto sua mãe não estivesse por perto. O garoto-anjo não tinha pais, não tinha casa, mas tinha a barriga vazia e o corpo fraco igual ao de um pássaro pintinho. Steve não podia deixar de adotá-lo.

Quando perguntou seu nome, o anjo tombou a cabeça e pensou, pensou e pensou, até exclamar e rir como um bebê:

— Eu sou Bellariel!

Steve levou o anjo para seu quarto. Tentou escondê-lo embaixo da cama, dentro do armário ou atrás do espelho, mas suas asas de pombas depenadas eram grandes demais para se esconder. Bellariel gritava todas as vezes que Steve tentava tirá-las, e sua birra prosseguiu até cair o sol e a noite invadir o céu.

Já era tarde demais para um anjo intruso continuar acordado.

Foi essa a sensação que Steve teve ao ver sua mãe chegar em casa e colocar o anjo para fora como se ele fosse uma praga do Oeste, uma peste leprosa. Steve viu sua mãe pegar Bellariel pelas orelhas e carregá-lo até a cozinha, onde pegou o cigarro ainda aceso da boca e o enfiou dentro de seus ouvidos. Steve tentou pará-la, convencê-la de que o anjo era bom, que ele não traria nada de mal, mas ela apenas o mandou embora com um forte tapa no rosto que o fez chorar de tristeza e se esconder em seu quarto, de onde ouvia os gritos de agonia de seu novo amigo, sofrendo e cheio de dor.

Naquela noite, depois que sua mãe foi dormir, Steve saiu devagar e silenciosamente para o quintal, onde pulou o portão e saiu às ruas atrás de seu anjo. Procurou-o por toda a vizinhança, atrás de todas as latas de lixo, atrás de todos os postes e em cima de todos os telhados. Até encontrou uma trilha

feita de penas, mas elas sumiram ao chegar no bosque, que, àquela hora da noite, estava ainda mais assustador do que de costume. Steve ouviu os cães do abatedouro do outro lado da rua uivar, sedentos de fome, e saiu correndo, cheio de medo, para debaixo de seus cobertores.

Na tarde seguinte, Steve estava voltando para casa quando viu seu anjo esperando por ele na porta da frente. Seu coração se derreteu de tanto alívio que saiu em disparada para abraçá-lo. O garoto riu ao aceitá-lo, e Steve, feliz, o levou para dentro.

Naquela tarde, brincaram com tudo o que Steve tinha em casa: brincaram no quintal, no chão do quarto e na sala; fizeram marionetes, quebra-cabeças e peões. Estavam tão sujos que Steve abriu a torneira para se lavarem.

Aquela foi a primeira vez em que Steve olhou para suas cicatrizes. Talvez elas não fossem de ontem, pois muitas já estavam claras, já eram incuráveis. O que mais apertou seu coração foram os pontos sangrentos que se espalham por sua pele; pontos iguais aos de seus ouvidos. As bitucas de cigarro de sua mãe haviam maltratado o anjo como se tivessem se divertido com isso. As marcas eram fundas, quase da profundidade de uma unha, e ainda tão vermelhas que pareciam sangrar à luz do sol. Steve se sentiu tão triste com aquilo que se desmanchou em lágrimas e postou um beijo de cura em todos os pontos que achava, deixando seus lábios vermelhos de sangue. Mas era apenas uma criança e, sem saber o que fazer, deixou que o anjo fosse embora antes que sofresse mais uma vez nas mãos do vício de sua mãe.

Desde então o anjo chegava às tardes, ou às vezes de manhã bem cedo trazendo-lhe o sol e pedindo por canções para, à noite, ir embora voar pelos céus. Um costume, que logo virou promessa, que logo virou parte obrigatória de suas vidas, por longos anos a fio.

*Nessa rua
Nessa rua tem um bosque
Que se chama
Que se chama Solidão
Dentro dele
Dentre dele mora um anjo
Que roubou
Que roubou meu coração*

Naquela manhã, sua mãe estava viajando; já estava longe há dias, junto de seus cigarros, sua fumaça e cinzas. Steve sabia que ela podia chegar a

qualquer instante, mas seu coração estava tão cheio de paz e felicidade que ele não conseguia largá-las, não conseguia. Já tinha idade suficiente para cuidar de si mesmo. Mas Steve não se importava, pois nunca ficaria sozinho. Ter sua mãe longe significava ter seu anjo por perto, e aquilo era mais do que suficiente – aquilo era o seu sinônimo de felicidade.

Ainda debaixo dos cobertores, Steve puxou seu anjo para abraçá-lo e cantar alto em seus ouvidos. Sentia o garoto estremecer em seus braços ao se deleitar com tal cantiga. Steve nunca conseguia terminar a canção, pois seu anjo sempre voava para junto dele e o enchia de beijos, um mais amoroso que o outro. A cada nova cantiga, um novo laço, uma nova teia, até ficarem tão atados que quase não conseguiam se largar.

Mas naquele dia, foi um pouco diferente.

Steve cantou, o anjo o calou com beijos, e eles rolaram pelo lençol. Mas quando acabaram e passaram a fitar o teto com sorrisos bobos nos lábios, Steve apertou a mão de Bellariel, chamando sua atenção para um assunto sério.

— Minha mãe vai se casar de novo — anunciou, e o rosto de Bellariel brilhou. — Isso quer dizer que eu terei um novo padrasto e dois irmãos mais novos. Isso quer dizer... não vou mais ficar sozinho em casa.

Aos poucos, o sorriso de Bellariel sumiu.

— Eu não poderei mais ficar com você?

— Não, bem, sim, mas...

— Eu... terei de ir embora? Para o bosque? — Bellariel arregalou os olhos. — Nenhuma alma vive lá, é muito perto do abatedouro. Eu tenho medo, Steve.

Steve viu seu anjo se desesperar, o viu se debulhar em lágrimas, viu suas asas caírem de tristeza. Mas o que ele podia fazer? Se sua mãe sozinha já maltratava tanto seu anjo com seus cigarros, ficou a imaginar o que mais pessoas seriam capazes de fazer.

— Bellariel, me escute. — Steve tentou explicar. — Eu sou o filho mais velho. Eu posso ir embora de casa e ficar apenas contigo...

— Mas quando? Vamos embora agora!

Steve não soube responder. Afinal, apesar de tudo, ainda era muito jovem.

— Que tal em breve? — Steve tentou cantar novamente para ele, tentou puxá-lo para seus braços e amá-lo mais uma vez, mas o anjo se debateu e bateu as asas.

— Você vai me abandonar!

— Não vou, não vou. Eu vou visitá-lo todos os dias no bosque...

— O bosque é perigoso demais para você. Steve, eu não tenho para onde ir. Eu só tenho você.

O corpo de Steve gelou.

— Eu não posso mais te manter em casa! Se eles virem você, tudo vai ruir!

Bellariel o encarou em choque.

— Você não me quer mais.

— Não foi isso o que eu quis dizer! Bellariel, espere...

Mas era tarde demais. O anjo foi para longe, alçando voo para um lugar alto demais para Steve alcançar, um lugar adentro demais do bosque para que Steve tivesse coragem de procurar. Afinal, era o único local onde o anjo era ao menos aceito.

Junto de Bellariel, Steve sentiu seu coração ser levado embora, roubado, furtado, arrancado com a partida – longe, para sempre. Sentiu o vazio de seu peito se ramificar por suas veias, dominando-o e sugando-o até secá-lo como um solo rachado, uma flor murcha, um pássaro sem o seu céu.

Viu as penas de Bellariel voarem para junto das folhas das árvores, reluzindo na névoa mortífera do bosque. Viu o brilho de alegria e felicidade de seu coração roubado vagar para longe, deixando-o vazio, oco, opaco; deixando-o para trás apenas com tristeza, desesperança, angústia e desespero.

Sem seu coração, Steve não soube com o que preencher seu peito. Seu corpo agora era apenas carne, pele e ossos.

Foi de repente que sentiu seu âmago ser dominado por uma falta tão bruta, uma saudade tão absurda, que não pôde mais se segurar.

Se eu roubei

Se eu roubei teu coração

Foi porque

Foi porque roubaste o meu

Se eu roubei

Se eu roubei teu coração

É porque

É porque eu te quero bem

Steve invadiu o bosque, o lugar mais assustador, o lugar proibido para almas medrosas como a sua; o lugar onde seu coração estava escondido. Lamentou-se por não ter se trocado antes de sair de casa. Ainda estava com as

roupas daquela manhã, e a névoa matutina pairava pelas árvores como uma renda densa e gelada, que se condensava em orvalho e molhava seu cabelo, deixando sua pele fria.

Naquela névoa, entre os troncos acinzentados das árvores, Steve chamou por seu anjo, mas não houve resposta. Escutou apenas as lamúrias, o zunido das guilhotinas, as máquinas de tosar, a dor das almas deixando este plano para trás, subindo como fantasmas e vultos até a névoa, até o céu. Os animais do abatedouro gritavam, eram pesadelos para seus ouvidos, eram tremor para seus ossos, pavor para sua mente. Steve estava perto demais daquele lugar de morte para sua própria sanidade. Tinha medo de acabar caindo nos quintais do matadouro, ou então em seu cemitério de ossos. Quem podia imaginar o que aqueles desumanos faziam das suas terras no bosque.

O medo fez sua garganta soar sozinha. O canto passou por seus lábios como um sussurro de terror. Sua canção era tudo o que tinha, pois até seu coração havia sido roubado. Sua canção o guardava do pavor, o protegia do perigo do bosque vazio. Sua canção clamava por seu anjo, chamava-o do fundo de seu peito oco. Tentava fazer com que as notas completassem o vácuo de onde seu coração fora roubado. Tentava usar sua cantiga para sufocar a saudade gritante que esvaziara suas veias.

Sua voz se engasgou com o susto de ver trilhas de penas brancas pelo tapete de folhas do chão. Seguiu aquela pista avidamente enquanto seu peito inflava com esperança, a esperança de estar no caminho certo para seu coração. Colhia as penas brancas até as mãos ficarem tão cheias a ponto de não conseguir mais carregá-las – havia penas demais ali. Um rastro meio espesso, muito cheio para uma simples trilha. Mas o que importava? Aquele era o caminho para ter seu coração de volta.

Steve se deteve nas raízes de uma árvore alta e petrificada. Quando levantou os olhos, sua voz foi sepultada.

Bellariel abria as novas asas no topo da copa, a dez, quinze metros além do chão – a dez, quinze metros mais perto do céu. Já não havia mais anjo “branco” em Bellariel. A negritude de suas novas penas de urubu depenado fez as pernas de Steve tremerem. Apenas seu peito inflou ainda mais, pois, agora que havia descoberto onde estava seu coração, ele parecia mais perto do que nunca. Mas o anjo que o roubara já não era mais seu, e aquilo o enchia de medo.

— Eu não trago mais o sol, Steve — Bellariel disse, sua voz ainda chorosa; e seu coração estava ali, bem ali, pulsando loucamente de saudades. — Eu... Eu deixei de ser seu sol. Eu pertenço à Solidão agora.

Do galho onde estava, Bellariel se encolheu, apertou a casca da árvore com as mãos nuas. Seu rosto se contorcia de dor com o peso das novas penas, o peso de sua queda; com o peso de carregar um coração que não era seu.

— Eu já não posso mais ouvir suas canções, Steve.

Bellariel contorceu o rosto em choro, pois mesmo que agora fosse ladrão e caído, ainda era um anjo e ainda sentia dor.

Steve nada sentiu. Já não tinha mais um coração para sentir.

— Eu quero meu coração de volta.

Já não tinha mais um coração para cantar.

Steve, com o olhar fixo em Bellariel, com a mente focada em caçá-lo e pegá-lo, firmou as mãos e os pés na casca da árvore. Já não tinha medo da altura, não tinha medo de cair. Só tinha cabeça para subir, escalar até o topo, arranhar o céu, alcançar o anjo ladrão. Mais uma vez, Bellariel se pôs a fugir.

Steve atingiu o cume da copa e estava então a ramas de distância de seu coração. Bellariel estava pendurado no último galho resistente, encurralado, não por Steve, mas por uma raposa vermelha, sanguinolenta e faminta. Sentia o ramo reclamar de seu peso, do peso a mais que carregava. Sentia-o tremer sob seus pés a cada passo que Steve tomava, a cada vez em que a distância entre eles diminuía. Engoliu em seco e se agarrou com mais força no tronco da árvore, pois temia, fervorosamente, que aquilo fosse demais para a pequena rama aguentar, que aquilo fosse o suficiente para que despencasse e ficasse ainda mais perto do Céu. Podia ser um anjo, mas ainda tinha medo da queda.

Esguio e lânguido, Steve se esgueirou para seu galho, pronto para pegá-lo, pronto para abocanhá-lo.

— Eu quero meu coração de volta, Bellariel.

Agora perto demais, tomou seu pescoço e mordeu seus lábios, apertando suas penas entre os dedos e forçando os pés na madeira que trincava e se desmanchava, que se abria em lascas e farpas, deixando que a gravidade os tragasse para a terra e os despencasse.

Bellariel sentiu suas costas se racharem ao meio. Suas asas caíram ao lado de seu corpo quando tentou se mexer e sair de cima das raízes salientes da árvore. Gemeu alto de dor, e os olhos lacrimejaram com tudo: a coluna machucada, as asas perdidas, o gosto de folhas na boca e o sangue arrancado de seus lábios. A cabeça latejava, parecendo que ia explodir a qualquer instante. Olhou para as mãos e para o próprio tronco, procurando por ossos quebrados, mas apenas achou manchas vermelhas crescentes em sua roupa, sua pele. Cicatrizes marcadas, tão antigas, haviam voltado a se abrir.

Quando se virou para Steve, sentiu o coração trincar como gelo. Os membros dele pareciam desengonçados. Um pouco *tortos*, na verdade. Antebraços para um lado, pulsos para o outro. Pés virados como um curupira. Mas como um anjo poderia saber o que aquilo queria dizer? Quando se aproximou e tentou tocar nele, com o máximo de cuidado, ele ofegou e gritou choroso, como se enfiasse uma faca em seu peito e o abrisse à procura de seu coração roubado.

Procurou por algum machucado, alguma ferida aberta que mostrasse de onde vinha sua dor, mas nada achou e se frustrou. Bellariel já não sabia o que fazer. Sentou-se ao lado dele e esperou até que sua respiração parasse de ser tão entrecortada, e sua expressão se suavizasse para uma que não parecesse a morte descascando sua pele aos poucos.

— Steve... — Chamou, a espera o estava atormentando.

Ele abriu os olhos, bem devagar, bem pouco, parecendo aquele ser seu limite, e deslocou as pupilas para seu anjo, mas fraco demais para que aquela loucura faminta de antes o possuísse novamente.

— De volta... Eu quero... — A voz saiu em um pequeno fiapo rouco que seguiu desesperado até os ouvidos do anjo. Steve tentava, mas não conseguia mexer os braços, então eram seus olhos que tentavam trazê-lo para perto, tentavam pegá-lo e dominá-lo. — Meu coração... Bellariel, eu... Eu quero...

O anjo balançou a cabeça com força, fazendo-a zunir.

— Não posso — gaguejou ele. — Eu não sei como devolvê-lo, Steve. Eu não sei como o roubei. Não sei.

— Tr... Traga o sol, Bellariel...

— Mas Steve, não cantará mais...

— Ah... — Ele fechou os olhos com o que parecia ser uma fígada de dor. — Eu ainda canto... Canto... Por meu coração... Por... Bellariel...

Neste bosque

Neste bosque sombrio

Nosso amor

Nosso amor se perdeu

Neste bosque

Neste bosque sombrio

Nosso amor

Nosso amor faleceu

Bellariel se inclinou sobre sua boca que se mexia sem comando, programada, hipnotizada pela canção. Foi inicialmente difícil acompanhar o movimento dos lábios dele com os seus, mas algo parecia ligá-los e ensiná-lo a cantar também.

Bellariel cantava como Steve.

És agora

És agora anjo caído

Pois meu amor

Meu amor foi perdição

Levarei

Levarei sinos comigo

Para longe

Longe Solidão

Enquanto as notas se agravavam, suas vozes se mesclavam; eles se tornavam um. Bellariel sentia seu próprio coração pulsar como o qual não era seu, pulando para fora de seu peito, espremendo sua alma até escorrer lágrimas.

Steve sentiu o anjo se mexer sobre seu corpo, escorregando as mãos pelo tapete de folhas do chão e depois se voltando para si, o mesmo encontro de lábios, o mesmo compasso da canção.

Bellariel levantou o corpo e levou as mãos para o peito, os dedos sujos de lama ao abraçarem uma lasca afiadíssima de pedra da terra. Aos poucos, encostou a ponta de lança na garganta, traçando uma profunda linha vermelha e úmida pela pele alva até as mãos estarem tremendo demais para que pudesse prosseguir com exatidão. Steve o viu ofegar com o esforço, mas nada pôde fazer para pará-lo, então apenas olhou como ele abria o próprio peito atrás de seu coração.

Steve fechou os olhos do modo como fazia quando ia dormir e aumentou a voz, sem saber o que deveria sentir.

Mas por que

Mas por que me devolveste

Este do -

Dolorido coração

Foi porque

Foi porque tu me amaste

*E só me resta
Só me resta Solidão*

Com ambos os corações pulsando em suas mãos, Bellariel deitou sobre o corpo inerte de Steve, esperando que a cantiga terminasse de embalá-lo para o sono que vinha, e vinha, e os tragava, levando-os para longe dali.

Para os céus.

*Se não ouves
Se não ouves tal canção
Como irei
Como irei mais cantar
Nessa rua
Nessa rua sem teu Sol
Como irás
Como irás me perdoar*



Entrada para Faërie



Thais é geminiana com ascendente em aquário, o que é um desafio constante para sua lua em capricórnio, única responsável por mantê-la ancorada na terra. Adora ler e escrever coisas trevosas e tem uma história pronta para contar toda vez que perguntam por que odeia tanto Platão. Seu encontro perfeito envolve queijo, batata frita e conversas estimulantes sobre assuntos potencialmente inúteis.

Zöe não saberia mais dizer há quanto tempo encarava a página em branco do processador de texto aberto em seu computador. Os olhos desviaram para o relógio no canto inferior da tela. Com certeza bem mais do que uma hora. Talvez quase o dia inteiro.

— Não sei mais escrever! — resmungou, frustrada, fechando a tela do computador sem nenhum cuidado.

Bufou, segurando as lágrimas que ameaçavam cair de seus olhos. Já não era de hoje que se sentia assim. A batalha que travava com sua musa a cada dia se tornava mais sangrenta; e o sangue, é claro, era o dela própria.

Já tentara de tudo para reativar sua mente para a inspiração e a criatividade: ouvira música, fora a espetáculos de ópera, lera livros fora de sua zona de conforto, praticara yoga, acendera velas aromáticas pela casa... Qualquer coisa que estivesse listada em algum post de blog sobre o assunto, Zöe tentara, de coração mais que aberto. Se a ajudasse a superar seu bloqueio criativo, ela estava disposta a dar uma chance.

Para sua infelicidade, nada funcionara até agora, e cá estava ela, com prazos a cumprir e nem uma única palavra digitada no arquivo.

Levantou-se de uma vez, quase caindo com o rolar brusco das rodinhas da cadeira de escritório. Andou até a sala e escancarou as cortinas e a porta de correr da varanda. Olhou para o céu e respirou fundo. As lágrimas, enfim, escorreram pelas bochechas, enquanto Zöe tentava encontrar algum significado, algum sinal do universo em meio às nuvens acinzentadas que escondiam as estrelas.

— Forças divinas, essa é a hora de vocês se manifestarem, sabe? Pode ser de qualquer panteão, religião... Aceito quem primeiro me trouxer a criatividade de volta.

Ela mal tinha acabado de proferir a frase quando algumas nuvens se mexeram, revelando um pedaço de céu escuro e estrelado. Ali, em meio às estrelas, parecia haver um cortejo — cavalos alados montados por guerreiros armados. Zöe piscou e esfregou os olhos. Só podia estar delirando, certo?

Contudo, o som de uma trombeta ressoou em seus ouvidos. O som era límpido e lindo de um jeito inexplicável...

Não era possível que ela pudesse imaginar um som como aquele, uma melodia que ela jamais ouvira antes.

O cortejo parecia se aproximar, ficando cada vez mais nítido aos olhos de Zöe. Podia ver agora as orelhas pontudas dos cavaleiros, seus olhos de cores que olhos humanos não tinham, as folhas e flores emaranhadas nos cachos dos cabelos. No entanto, embora parecessem mais próximos, eles seguiam em frente e logo ela os perderia de vista.

A trombeta soou mais uma vez. E foi então que Zöe soube que precisava segui-los.

Saiu correndo de volta para a sala, calçando os sapatos que deixava perto da porta e pegando as chaves. Não se incomodou em chamar o elevador, correndo direto às escadas, que foi descendo de dois em dois degraus.

Seu coração batia forte quando chegou à rua. As nuvens haviam se mexido mais uma vez, voltando a ocultar o céu. Um medo gelado correu pelo corpo de Zöe. Não, ela não podia perdê-los assim. Precisava saber para onde iam, que tipo de criatura eram...

A trombeta soou uma terceira vez e, então, ela os viu. Saiu correndo, seguindo-os pelo caminho que faziam, completamente alheia ao entorno. Não viu por quais ruas passou ou atravessou, em quais esquinas virou, não sabia nem por quanto tempo seguira em sua perseguição desenfreada. Só tinha um único foco: seguir aquele cortejo fantástico.

E, então, eles desapareceram.

Num piscar de olhos, eles estavam lá e então não estavam mais.

— Não! — Zöe gritou.

Não, não, ela precisava saber quem eles eram e para onde iam! Não podia voltar para casa sem-

Voltar para casa? Zöe deu uma boa olhada em seus arredores pela primeira vez desde que saíra desembestada pelas ruas da cidade. E ali, aquele lugar onde agora ela se encontrava, definitivamente não era uma cidade. Uma densa floresta a circundava, com árvores tão altas que pareciam tocar as estrelas. O ar era puro, com um aroma fresco de ervas e um leve adocicado de frutas. A seus pés, a grama era coberta de florzinhas minúsculas em todas as cores que poderia sonhar e ainda mais algumas.

Um feixe de luz dourada se destacou entre as árvores e os ouvidos de Zöe se encheram de música. Os sons, mais uma vez, a convenceram de que não podia estar sonhando. Aquelas notas perfeitas, aquela melodia mágica...

Ela não seria capaz de inventar algo assim.

Deixou que seus pés a guiassem em direção à música. Como uma mariposa atraída pelo fogo, Zöe seguiu em direção aos sons e à luz, entre árvores e arbustos, pouco se importando com os arranhões que foi ganhando pelo caminho ou com o pé que se afundava na terra, os sapatos há muito perdidos.

Nada em sua vida até aquele momento poderia ter preparado Zöe para o que a aguardava na clareira.

Criaturas mágicas das mais variadas riam e dançavam e cantavam e tocavam instrumentos que ela nunca vira antes e nem saberia descrever. Fadinhas minúsculas voavam baixo, espalhando um pozinho que parecia glitter em todos os outros. Um grupo de ninfas dançavam em círculo no meio da clareira, sem qualquer roupa no corpo, cada uma única: uma tinha pele azul e cabelos arroxeados, as orelhas parecendo barbatanas de um peixe; outra tinha pele de um marrom profundo, com marcas que pareciam ranhuras de tronco de árvores, o cabelo caindo em cachos verdes pelas costas e ombros; outra era tão branca que quase parecia translúcida, os cabelos cascadeando para cima ao invés de para baixo...

— Ora, há quanto tempo não recebíamos uma humana!

A voz feminina fez Zöe tirar os olhos das ninfas-dançarinas e voltá-los à criatura que parara a seu lado. Zöe não saberia dizer que tipo de criatura ela era, mas “deslumbrante” nem começava a descrevê-la. A pele reluzia em tons de azul, rosa e roxo, como escamas da cauda de uma sereia; os olhos eram escuros, quase completamente pretos; os cabelos caíam em ondas verde-água até os seios, cobrindo o que o vestido de gaze certamente não esconderia. Quando ela sorriu, Zöe pôde ver seus dentes pontiagudos.

Havia algo de selvagem nela e muito perigoso. Todos os pelos do corpo de Zöe se arrepiavam só de contemplá-la. Mesmo assim, ela se pegou imaginando como seria se perder naqueles olhos duros... Será que beijá-la machucaria, com aqueles dentes?

— Não assuste a coitadinha, Mayim.

Uma voz masculina se interpôs, seu dono tomando a mão direita de Zöe e levando-a aos lábios, galanteador. Ele sorriu quando Zöe o encarou e ela sentiu as pernas fraquejarem. Ele era lindo, provavelmente o ser mais lindo que Zöe já vira. Parecia ser um elfo, com orelhas longas e pontudas, o cabelo curto e volumoso de um tom profundo de ruivo, os olhos eram dourados e pareciam poder ver dentro da alma de Zöe.

— Qual seu nome, dama humana? — ele perguntou, ainda sorrindo.

— Z-Zöe.

— Cevin, a seu dispor, bela Zöe — ele disse, fazendo uma mesura. — Não se assuste com Mayim, ela não morde.

Mayim abriu um enorme sorriso, que exibia todos os seus dentes perigosamente afiados.

— Não costumo, mas posso, se assim requisitado.

Cevin soltou uma risadinha que ecoou pelos ouvidos de Zöe como o tilintar de sinos. Ele voltou a olhar para Zöe, que encarava ora ele, ora Mayim, incapaz de articular uma palavra sequer.

Com uma graça sobrenatural, ele se colocou atrás dela, segurando-a pelos ombros, encostando os lábios ao ouvido direito dela.

— Sabemos por que chegou até nós, Zöe — ele sussurrou. — Entregue-se à música de Faërie e a criatividade jorrará em uma fonte infinita para você, até o fim dos tempos.

— Como...?

— Quando humanos chegam aqui, é sempre por isso. — Foi Mayim quem respondeu. — Vocês chegam aqui em busca da Musa perdida.

Cevin empurrou Zöe delicadamente para frente, para os braços de Mayim.

— Entregue-se à música, entregue-se a nós e em troca terá suas preciosas palavras enquanto delas precisar.

Mayim a beijou e Zöe se rendeu. A pele dela era fria ao toque e ela toda cheirava à maresia e um dia de sol.

Por muitos anos, Zöe tentaria se lembrar com exatidão de tudo o que sucedera ali, tudo que ela vira e experimentara, mas as memórias vinham todas com uma fina camada de névoa a confundi-las. Lembrava-se de dançar até as pernas doerem e os pés sangrarem. Do toque frio de Mayim, contrabalanceado com a pele quente de Cevin. Beijos e mais beijos de Mayim. Cevin lhe dando pedaços de frutas suculentas com as mãos, tão deliciosas que ela lambia os dedos dele para não desperdiçar uma gota sequer. Música que fluía infinita. Segurando-se ao pescoço de Cevin numa dança rápida. Descansando nos braços frescos de Mayim entre uma música e outra. Risadas e uma felicidade genuína, como há tempos ela não sentia.

— O sol já vem, Zöe — Cevin declarou, terminando de girá-la em seus braços. — Lembre-se de nós, mas não volte a nos procurar.

— Por quê? — ela perguntou, desesperada. Não voltar a vê-los parecia ser o pior dos castigos.

— Porque — Mayim respondeu — se aparecer aqui novamente nós não vamos devolvê-la.

As palavras foram acompanhadas de um dos largos e ameaçadores sorrisos de Mayim.

Zöe queria responder que não se importava, que estava pronta para ficar ali com eles para sempre naquele exato momento, contudo, ela perdeu a consciência antes que as palavras se formassem em seus lábios.

Zöe acordou ouvindo um som estridente e insistente.

Pi. Pi. Pi. Pi...

Precisou de um minuto inteiro para entender onde se encontrava. As máquinas monitorando os batimentos, o acesso intravenoso em seu braço esquerdo, o lençol imaculadamente branco, mas gasto... Não havia dúvidas de que estava em um hospital.

— Zöe!

Sua mãe, antes sentada em uma poltrona ao lado da maca, levantou-se num pulo, as mãos cobrindo o rosto da filha, os olhos se enchendo de lágrimas.

— Zöe, Zöe! Que bom que você acordou.

— O qu-... O que aconteceu?

— Você ficou dias sem atender ligações, querida! Tivemos que chamar um chaveiro para abrir sua porta e te encontramos desmaiada na frente do seu computador. Quantas vezes eu te pedi uma chave, mas você nunca lembrava de fazer uma cópia para mim.

Zöe franziu o cenho.

— Em casa? Vocês me acharam em casa?

— Sim, querida. O porteiro mesmo confirmou que fazia dias que não te via. Ficou tão absorta em sei lá o que que você estava escrevendo que parece que nem para ir ao banheiro você parou. Os médicos disseram que você estava desidratada e malnutrida. Acharam várias lacerações pelo seu corpo também.

Escrevendo? Zöe se lembrava vividamente de *não conseguir* escrever por sabe-se lá quantas semanas!

— Você precisa se cuidar melhor, Zöe. — Ela voltou a focar nas palavras da mãe. — Agora que esse maldito livro já está com a sua editora, tire longas férias, ok? Ou vou te obrigar a voltar para casa comigo.

Aquilo tudo de uma vez era informação demais para Zöe. Livro entregue à editora? E como assim ela não saíra de casa todo aquele tempo? Ela saíra sim, correndo atrás daquelas criaturas que cortavam o céu...

Vislumbres de Cevin e Mayim cruzaram sua mente. Tudo aquilo...

Não podia ser uma fantasia. Fora real. Ela tinha certeza de que tudo fora real.

No entanto, nada sobrara que pudesse provar — a si mesma, ou a qualquer outra pessoa — que a longa noite em Faërie acontecera mesmo.

Na manhã seguinte a seu despertar, Zöe recebeu alta do hospital, com austeras recomendações da equipe médica para que cuidasse melhor de sua saúde. Antes disso, descobrira que passara dois dias desacordada no hospital e mais sete em casa, aparentemente “trabalhando sem descanso em seu manuscrito”. Sua editora gostara tanto da história que estava acelerando os processos para poder publicar o livro o mais rápido possível.

— Esse livro vai ser um *best seller*, Zöe! Já consigo até imaginar os atores que serão cotados para o papel de Cevin!

Cevin e Mayim eram duas criaturas misteriosas que seduziam a protagonista e tentavam a todo custo fazê-la ficar em Faërie. Zöe riu da ironia. Sua heroína — da qual ela não tinha qualquer memória de ter criado ou escrito — lutara para fugir de Faërie, enquanto ela própria daria o que fosse para voltar.

Se é que estivera lá mesmo.

A primeira coisa que fez ao chegar de volta em casa foi ler todo o manuscrito que ela supostamente escrevera. Estava tudo lá, o cortejo no céu — que aparentemente tinha nome: a Caçada Selvagem —, a perseguição até se perder na floresta mágica, a clareira, Mayim e Cevin perfeitamente descritos...

Ao que tudo indicava, tudo não passara de um delírio. De sua mente febril criando e escrevendo histórias, o desbloqueio criativo pelo qual ela tanto pedira.

Mas bastava chegar perto da orla de uma praia e sentir o vento quente pesado de maresia em seu rosto para se lembrar dos beijos gelados de Mayim. Uma mordida numa maçã e o rosto de Cevin vinha à sua mente, sorrindo ao lhe entregar pedaços das frutas feéricas...

Ela podia mesmo ter sonhado tudo aquilo? Mesmo com cada pelo em seu corpo se arrepiando com a mera memória daqueles dois?

Passaria sua vida inteira atrás daquela resposta.

O primeiro livro foi um sucesso tão estrondoso que Zöe teve de escrever diversas continuações. Nem uma única vez a criatividade falhou com ela, entregando volume atrás de volume para saciar sua editora e seus leitores. Direitos para cinema foram vendidos, os livros traduzidos. O sonho que Zöe nunca ousou declarar em voz alta, de viver de escrita, solidificando-se à sua volta.

Mesmo assim, ela nunca desistiu de procurar pela entrada de Faërie.

Nunca desistiu de reencontrar Cevin e Mayim.

Dizem que quando colocou o último ponto final no último dos livros de sua saga feérica, Zöe desligou o computador, calçou os sapatos e saiu de casa, vasculhando o céu.

Nenhum outro livro seu foi publicado, nem sua editora nunca mais ouviu falar dela.

Alguns alegam terem-na visto vagando sem rumo pelas ruas.

Outros, mais sonhadores, acreditam que ela encontrou sua própria entrada para Faërie.



Créditos

Equipe editorial

Ana Farias Ferrari
Camila Paixão
Luísa Scheid
Tatiane Lucheis
Thais Rocha

Equipe de design

Rafael Lopes
Vitor Teixeira

Autoras convidadas

Isabella Morais
Tainá F. W.

Autoras Seleccionadas

Coral Daia
L. M. Golizia
Verônica Park

Fotos

Olia Danilevich (https://www.instagram.com/danilevich_olia)
Yaroslav Shuraev (<https://>

www.instagram.com/yaroslav_shuraev)

Joy Marino (<https://www.instagram.com/joymarinoclicks>)

Lucie Liz (<https://www.instagram.com/lulizler>)

Thirdman (<https://www.instagram.com/thirdman94>)

Apoiadores

Benjamim Franco
Barbara Lima Morais
Camila Cristina Fracalossi
Daniele Ferreira
Elizabeth Fortunatti
Lucas Eiji Kong Fukue
Nicole Alcântara Botelho
Velani Diz
Willian Miyasaka

Antigos Apoiadores

Daniela Ferreira
Di Toledo

Apoie esta revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.


Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos. Além disso, você também pode votar através do nosso site e dar uma maçã virtual para seus artistas favoritos.

[Vote aqui!](#)

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 www.revistamacadoamor.com



[@leiamacadoamor](#)



[@leiamacadoamor](#)

